

Reflexões sobre o ensino da Contabilidade

Maria Elisabeth Pereira Kraemer*

Nas últimas décadas, marcadas, sobretudo, pela internacionalização da economia, as organizações estão restringindo a ocupação de cargos e funções à formação especializada, exigindo competências e habilidades para as mais diferentes atividades. Mediante essas constatações, é evidente que se deve discutir a formação do professor de Contabilidade, e isto poderá contribuir para a visualização do ensino da Contabilidade como mediador entre a nova base da realidade social e as exigências de profissionais especializados para atuarem na gestão de negócios da organização. Neste sentido, refletir sobre o trabalho do professor de Contabilidade como atividade social implica o comprometimento com a melhoria desse nível de ensino.

*Contadora, CRCSC nº 11.170, Professora e Integrante da Equipe de Ensino e Avaliação na Pró-Reitoria de Ensino da Universidade do Vale do Itajaí (Univali). Mestre em Relações Econômicas Sociais e Internacionais pela Universidade do Minho-Portugal. Doutoranda em Ciências Empresariais pela Universidade do Museu Social da Argentina. Integrante da Corrente Científica Brasileira do Neopatrimonialismo e da Associação Científica Internacional Neopatrimonialista (ACIN).

> **Introdução.** O ensino superior enfrenta desafios cada vez mais consideráveis. Em sua gestão, deverá dar provas de muita imaginação, criatividade, inteligência e força de vontade. Segundo a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) (1999), deve, igualmente, desenvolver capacidades adequadas de planejamento e análise das políticas e estratégias, baseadas na parceria entre os estabelecimentos de ensino superior, o Governo e as instituições nacionais de planejamento e coordenação. O objetivo principal da gestão deve ser o de constituir-se em um instrumento de melhoria da pertinência e da qualidade das instituições.

O ensino superior é chamado em todos os lugares a melhor se adaptar e responder às exigências de uma época em que as possibilidades novas que se abrem seguem lado a lado com a emergência de novos desafios e profundas perturbações. Deve avançar para que possa responder aos desafios evolutivos do mundo do trabalho.

Formar o cidadão, com a potencialidade de desenvolvimentos social, cultural, econômico e político da sociedade implica articular a universidade com as demais instituições sociais. A universidade não pode estar fora ou à parte da sociedade; ela é uma instituição social.

Para isto, requer-se um processo educacional diferenciado daquele que estávamos acostumados a praticar. Hoje, o ensino-aprendizagem é idealizado, planejado e é indispensável que seja efetivado por meio do desenvolvimento das competências e das habilidades de todos os envolvidos no processo: professores e alunos. Neste contexto, fizemos uma reflexão sobre o ensino da Contabilidade, inserindo neste trabalho os quatro pilares da educação; o grande desafio: o ensino de Contabilidade; o professor de Contabilidade e sua formação; as metodologias no ensino de Contabilidade; e a formação continuada do profissional da Contabilidade.

> **Os quatro pilares da educação.** Os Quatro Pilares foram definidos no, merecidamente, famoso **Relatório da Comissão Internacional sobre a Educação no Século XXI** para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization – Unesco), do qual formam o núcleo principal.

O Relatório, elaborado por uma comissão de quinze

membros, sob a coordenação de Jacques Delors, foi publicado na forma de livro com o título **Learning: The Treasure Within** (Unesco, Paris, 1996) e foi traduzido para o português por José Carlos Eufrázio, recebendo, no Brasil, o título **Educação: Um Tesouro a Descobrir** (Unesco, MEC, Cortez Editora, São Paulo, 1997, estando na 6ª edição 2001). Nesse livro, a discussão dos “Quatro Pilares” ocupa todo o quarto capítulo, pp. 89-102.

O documento da Unesco constitui-se em valioso instrumento norteador para pessoas, instituições e nações que vêem na ação educacional o caminho do real progresso das sociedades, em particular, e da humanidade. É rico material para as reflexões tão necessárias em momentos tão graves como os que vivemos, em que se impõe a urgência de uma educação para todos, comprometida com o bem-estar sociomoral de todos os habitantes da Terra.

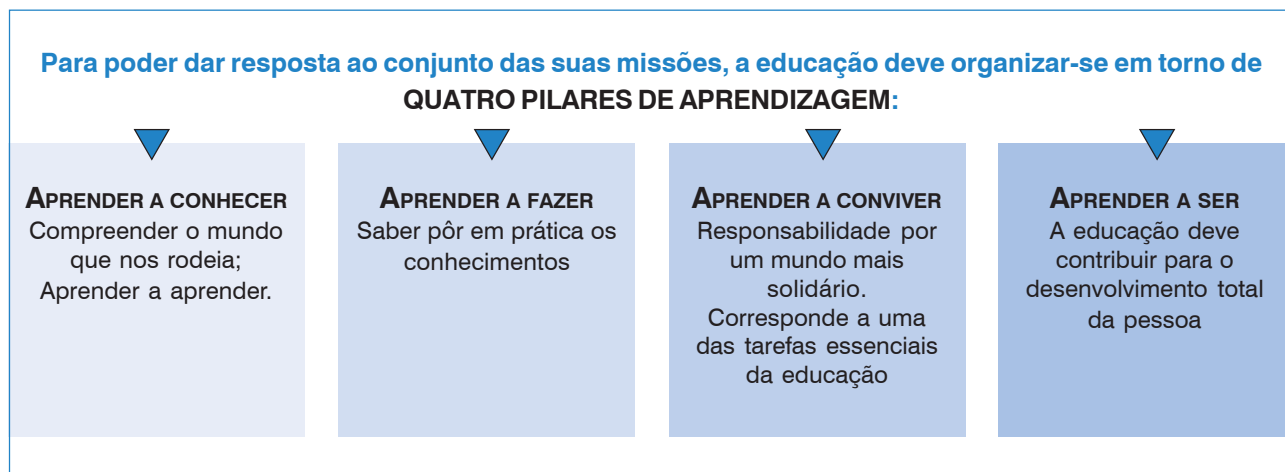
A noção de educação como desenvolvimento humano define o objetivo maior da educação como a construção, pelas pessoas, de competências e habilidades que lhes permitam alcançar seu desenvolvimento pleno e integral. Os Quatro Pilares servem, em seu conjunto, como princípio organizador nesse processo de construção de competências e habilidades.

A comissão que o elaborou procedeu a um admirável exercício de reflexão, identificando tendências e auscultando necessidades no cenário das incertezas e hesitações que caracterizam este início de século. Segundo Negra (2003), no quadro dessa diversidade contemporânea, complexa e desafiadora, o relatório destaca os quatro pilares básicos essenciais a um novo conceito de educação:

- Aprender a conhecer
- Aprender a fazer
- Aprender a conviver
- Aprender a ser

O primeiro deles indica o interesse e a abertura para conhecimento, que, verdadeiramente, liberta da ignorância; o *aprender a fazer*, segundo item, mostra a importância da coragem de executar, de correr riscos, de errar mesmo na busca de acertar; no terceiro, temos o desafio da *convivência* que apresenta o respeito a todos, e o exercício de fraternidade como caminho do entendimento; e, finalmente, o último deles, o *aprender a ser*, talvez seja o mais importante. Está explícito aí o papel do cidadão; o objetivo de viver de acordo com a Figura 1.

Figura 1 - Os quatro pilares da educação segundo a Unesco



Esses pilares podem ser apontados como um referencial importante para ampliarmos nossa ação pedagógica. Os quatro pilares da educação devem ser a base ao longo de toda a vida.

Aprender a conhecer

O primeiro princípio refere-se à necessidade de que o processo de ensino-aprendizagem permita autonomia e criatividade e que seja contínuo, em função das constantes transformações do mundo contemporâneo.

Delors (2001) diz que **aprender a conhecer** é combinar uma cultura geral, suficientemente vasta, com a possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias, o que também significa aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo de toda a vida.

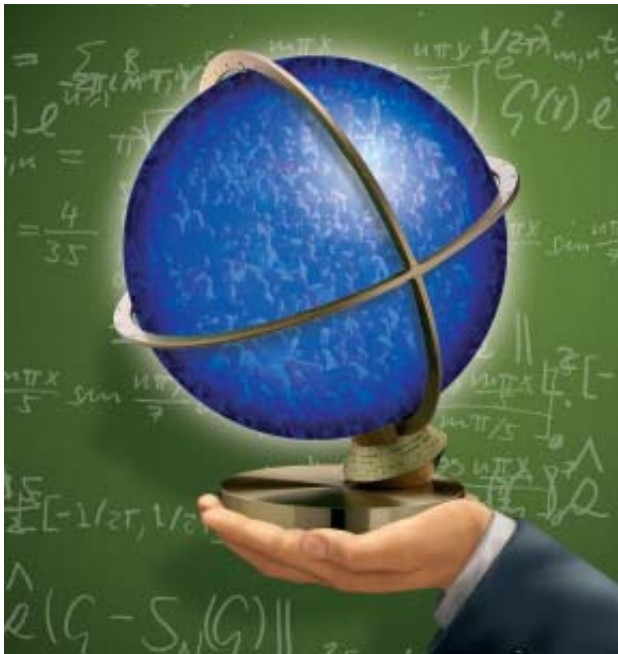
Para mostrar como devemos aprender a conhecer, o texto diz que este tipo de aprendizagem tem finalidade e o seu fundamento é o prazer de compreender, de conhecer e de descobrir. Para isso, a educação deverá criar formas para que a escolaridade tenha seu tempo prolongado, ou seja, que o adulto, após concluir seus estudos, possa prosseguir com vontade de fazer novos cursos, pesquisa, etc., fazendo-o perceber que o aumento do saber o leva a compreender melhor o ambiente, sob os seus diversos aspectos, tornando-o, com isso, mais crítico e atualizado. Na criança, despertá-la e aguçá-la para que tenha mais prazer de estudar; mas é essencial que ela possa ter acesso às metodologias científicas e, com isso, possa ser “amiga da ciência”.

Neste primeiro princípio, no entanto, é importante ressaltar um aspecto do que Morin (2000) denomina as “cegueiras do conhecimento”: os erros e as ilusões e a incerteza que o conhecimento comporta. Somos educados na tradição científica marcada pelo positivismo e pelo método das ciências naturais, portanto, pouco habilitados para questionarmos certezas, valorizarmos erros e convivemos com interrogações (sem respostas imediatas, ou mesmo, com certezas provisórias).

Uma educação que reconheça estas condições do conhecimento produz abertura e respeito às diferenças culturais, nacionais, étnicas e permite maior autonomia aos educandos, na medida em que educadores tornam-se facilitadores da aprendizagem, parceiros na produção de um saber que nasce do respeito à pluralidade e à diversidade. Deixando de ser fonte de autoridade, pela certeza e controle, o educador pode ser referência de humanidade: abertura, diálogo, falibilidade, fragilidade, mas também apoio, segurança, companheirismo, estímulo, parceria. Enquanto processo, sempre contínuo, aprender pode tornar-se uma bela aventura.

O conhecimento contábil, para Negra (2003), apesar de datar de milhares de anos, não é um conhecimento estático. A cada dia, novos métodos, novas técnicas e novas metodologias são incrementadas nos Sistemas de Informações Contábeis de quaisquer organizações para melhor gerir seus patrimônios.

Enfim, antes de aprender a conhecer, o indivíduo deve aprender a aprender; para isso, deverá, até o final de sua vida, estar sempre atualizado, fazer cursos de especializa-



ção da sua profissão, exercitar a leitura e as pesquisas, pois assim ele terá mais facilidade para encarar todas as situações e será mais competitivo dentro da sociedade em que vive. Também o indivíduo deverá exercitar a memória, pois a criança aprende o exercício do pensamento com os pais, depois com os professores. Então, aprender a conhecer é o mesmo que aprender a aprender, para se beneficiar das oportunidades oferecidas.

Aprender a fazer

É preciso aprender a fazer, a fim de adquirir, não somente uma qualificação profissional, mas de uma maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe. Mas também é necessário aprender a fazer no âmbito das diversas experiências sociais ou de trabalho que se oferecem aos jovens e adolescentes, quer espontaneamente, fruto do contexto local ou nacional, quer formalmente, graças ao desenvolvimento do ensino alternado com o trabalho.

Uma dimensão essencial do fazer, enquanto produção e função do conhecimento, é o sentido deste conhecer, e também do como conhecer. Em que medida nosso sistema educacional possibilita aos alunos e aos educadores a percepção da realidade como uma trama complexa (enquanto tessitura) de relações de interdependência, onde o

particular e o global, entretecidos nesta trama complexa, têm uma destinação comum?

O fazer, enquanto desenvolvimento técnico, é um aspecto da modernidade industrial, desvinculado de suas conseqüências mutiladoras da realidade econômica, social e ambiental. Como contextualizar o fazer, na programação escolar, para resignificar o mundo do trabalho, um mercado de extrema competitividade, uma produção tecnológica a serviço do lucro e produtora de bilhões de excluídos de bens de consumo? Como educar para a solidariedade em um universo econômico que valoriza o individualismo e a competição?

O problema não está na especialização, mas na crença subjacente de que esta especialização levaria às verdades definitivas pelo refinamento cada vez maior das ciências. Segundo o texto, "aprender a conhecer e aprender a fazer são em larga medida indissociáveis", porém, aprender a fazer tem maior referência com a formação profissional. O indivíduo aprende e põe em prática os seus conhecimentos.

Neste sentido, Negra (2003) diz que o pilar "aprender a fazer" aponta para duas vertentes: a relação teoria e prática do ensino contábil e o trabalho do contador do futuro.

Temos que perceber que aprender a fazer não pode ser apenas ensinar o jovem para uma função na qual fará uma tarefa material. Segundo Delors (2001), para os dirigentes empresariais, as qualidades do "saber ser" juntam-se ao "saber" e ao "saber fazer". Isto fez com que a comissão alertasse para a importância da ligação que a educação deve manter entre os diversos aspectos da aprendizagem.

Qualidades como a capacidade de comunicar, de trabalhar com os outros, de gerir e de resolver conflitos tornam-se cada vez mais importantes. Aprender a fazer significa tornar as pessoas aptas a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe, não somente ter uma qualificação profissional.

Aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros

Para que todos possam aprender a viver juntos e aprender a viver com os outros, tem a educação um papel importantíssimo e um grande desafio, já que a opinião pública toma conhecimento por meio dos meios de comunicação e nada pode fazer.

Conforme Delors (2001), a história humana sempre foi escrita pelos conflitos raciais e até mesmo religiosos. Portanto, cabe à educação trabalhar para a mudança deste quadro desde a simples idéia de ensinar a não-violência, o não-preconceito. Deve, porém, utilizar duas vias complementares: primeiro, a descoberta progressiva do outro; segundo, ao longo de toda a vida, a participação em projetos comuns que parece um método eficaz para evitar ou diminuir conflitos latentes.

A missão da educação é, pois, transmitir conhecimentos sobre a diversidade humana, bem como mostrar e levar as pessoas a se conscientizar sobre as interdependências entre todos os seres humanos do planeta. Baseado nisto, educando a criança desde pequena a descobrir a si mesma, poderá ela se pôr no lugar dos outros, compreendendo-as e respeitando-as.

Nas Diretrizes Curriculares dos cursos de Ciências Contábeis, de acordo com o INEP (2000), encontra-se respaldado o quadro do perfil do contador, no qual destacamos: postura ética e profissional, com responsabilidade social; capacidade de participação em equipes multidisciplinares e capacidade de iniciativa e de interação com a comunidade.

O professor não deve ter regras que mantém a curiosidade dos adolescentes, porque, se assim o fizer, ele os prejudicará a vida inteira, pois não aceitarão pessoas de outros grupos ou nações. Para o século XXI, são indispensáveis o diálogo e a troca de argumentos, aprender a viver juntos, desenvolver a compreensão do outro e a percepção das interdependências, realizar projetos comuns, nos valores do pluralismo e da compreensão mútua de paz.

Aprender a ser

Reafirmado pela comissão, a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa, espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todos os seres humanos devem ser preparados, pela educação que recebe, para agir nas diferentes circunstâncias da vida. Para isso, cada um deverá ter pensamentos autônomos e críticos, ou seja, personalidade própria. Deverá o ser humano estar preparado para as mudanças e principalmente para evitar a desumanização do mundo relacionado com a evolução técnica.

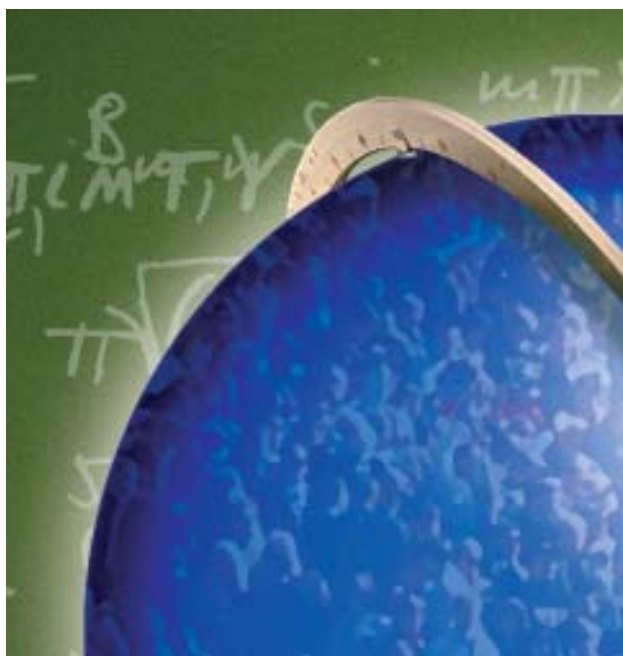
Para que o aluno de Ciências Contábeis aprenda a ser um profissional e um cidadão do mundo, os professores, segun-

do Negra (2003), têm que lhes mostrar referências intelectuais que lhes permitam compreender o mundo que os rodeia e a se comportar nele como autores responsáveis e justos.

Delors (2001) deixa bem claro que o compromisso da educação do século XXI, no que se refere ao pilar do aprender a ser, é fazer com que os alunos estejam compromissados com sua completa realização como indivíduo, membro de uma família, membro de uma coletividade, cidadão, produtor, inventor de técnicas e criador de sonhos.

Portanto, a educação deve preparar as crianças e os jovens para possíveis descobertas e experimentações, a aprender a ser, a desenvolver sua personalidade, maior capacidade e responsabilidade pessoal.

> **O grande desafio – ensino de Contabilidade.** O ensino superior de Contabilidade surgiu da necessidade de continuar o processo de evolução do ensino comercial que tinha como primeira escola a Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado iniciada em 1902. A criação do curso de Ciências Contábeis deu-se por meio do Decreto-Lei nº 7.988, de 22/9/45, e foi tido como o marco da criação dos cursos de Ciências Contábeis no Brasil, devendo se destacar que na realidade o citado Decreto-Lei criou o curso de Ciências Contábeis e Atuariais, conferindo aos formandos o grau de Bacharel em Ciências Contábeis e Atuariais. Numa análise legal e crítica, a criação dos cursos de Ciências



Contábeis deu-se, efetivamente, com o advento da Lei nº 1.401, de 31/7/51, que desdobrou o curso de Ciências Contábeis e Atuariais em dois, possibilitando aos concluintes receberem o título de Bacharel em Ciências Contábeis.

Os anos 60 reservaram profundas mudanças na postura educacional do País, muito em função da ditadura militar de 1964. Em 1968, entrou em vigor a Lei nº 5.540/68, que reformou o ensino universitário, criando a departamentalização e a matrícula por disciplina. Por essa época, segundo Coelho (2004), já existiam cursos de licenciatura em Contabilidade que preparavam profissionais para lecionar nos cursos Técnicos em Contabilidade.

Na verdade, na maioria dos casos, não era interessante para grande parte dos profissionais da área contábil direcionar-se para a educação em Contabilidade, sendo-lhes mais rentável, ainda que com inúmeros problemas, trabalhar em escritórios ou departamentos de Contabilidade das empresas.

Na década de 70 e, principalmente, a partir da década de 80, os órgãos de classe e associações ligadas à profissão tiveram uma maior atuação na emissão de pronunciamentos sobre assuntos contábeis e também sobre os profissionais e o ensino superior.

Foi na década de 90, conforme Silva (2001), que se evidenciaram questões da educação continuada. A reforma do currículo de Ciências Contábeis, por meio da Resolução nº 03/92, criou um currículo mínimo para o curso, esperando com isso contribuir para uma melhor qualificação dos futuros profissionais de Ciências Contábeis. Entre as determinações que emanavam daquela resolução, estavam a inclusão no currículo de disciplinas como Ética Profissional, Perícia Contábil, Monografia e Trabalhos de Conclusão de Cursos, entre outras.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB),

de nº 9.394, emitida em dezembro de 1996, trouxe profundas mudanças para a educação e apresenta vários artigos que tratam, especificamente, dos profissionais da educação para todas as áreas.

O grande desafio da educação contábil é adequar seus aprendizes à demanda da realidade econômica com responsabilidade e competência. A linha educacional que tem sido adotada impossibilita o aluno a criar e o torna reproduzidor de idéias entendidas como verdades absolutas. O contador deve ser capaz de desenvolver, analisar e implantar sistemas de informação contábil e controle gerencial e exercer com ética suas atribuições. Além disso, deve estar integrado com os problemas da sociedade e assumir uma postura de maior autonomia e participação na sociedade.

A fim de formar profissionais capacitados a agregar valor no mercado de trabalho, a universidade deve expandir sua intervenção para além dos aspectos técnicos. O ensino deve, além de propiciar o aprendizado da Contabilidade, quer a nível teórico, quer a nível prático, preparar o profissional para enfrentar a realidade, por meio do desenvolvimento de aptidões humanas, tais como criatividade, flexibilidade, capacidade de relacionar-se, trabalhar em equipe, entre outras.

O ensino, ao ser compreendido como um processo de dialogia, segundo Laffin (2001), tem a intenção de ajudar o aluno a entender as diferentes relações de saberes dos sujeitos históricos. Nesta perspectiva, inferimos que a intenção do professor de Contabilidade é a de ensinar e de aprender e, assim, consideramos como atributos da identidade profissional desse professor:

→ o domínio dos conhecimentos específicos de sua área de atuação apropriados na sua formação inicial e continuada para relativizar os conhecimentos produzidos pela sociedade, tornando-se sujeito capaz de transformar a realidade social;

> Formar o cidadão, com a potencialidade de desenvolvimentos social, cultural, econômico e político da sociedade implica articular a universidade com as demais instituições sociais. A universidade não pode estar fora ou à parte da sociedade; ela é uma instituição social.



- > o trabalho docente que enfatiza a articulação dos conteúdos contábeis com as demais áreas do saber, superando a concepção meramente do “saber fazer”;
- > a profissionalização que mantém implicações diretas com a formação do profissional da Contabilidade com um perfil crítico ao novo contexto;
- > a inserção nas forças em favor da valorização de uma política salarial, das condições de trabalho e com o vínculo na carreira de formação inicial e continuada;
- > a compreensão do ensino-pesquisa-extensão-como indissociáveis do seu trabalho.

Para o autor, tais atributos do professor de Contabilidade nos ajudam a refletir sobre a formação do professor que ensina Contabilidade e a destacar como primordial a necessidade do estabelecimento de um diálogo entre a sua formação inicial e o caráter essencial da docência por meio da reflexão-ação e da reflexão de sua ação docente.

A educação é um processo de desenvolvimento e formação da personalidade humana, que atua sobre o ser humano em todos os aspectos, começando na família, continuando na escola e se prolongando por toda existência. O objetivo primordial da educação, conforme Brondani (2003), é dotar o homem de instrumentos culturais capazes de impulsionar as transformações materiais e espirituais exigidas pela dinâmica da sociedade. A educação aumenta o poder do homem sobre a natureza e, ao mesmo tempo, busca conformá-lo aos objetivos de progresso e equilíbrio social da coletividade a que pertence. Portanto, é notável a importância do docente na formação dos novos contadores, pois cabe a ele formar profissionais críti-

cos, motivados, criativos, com raciocínio contábil e interesse pela pesquisa.

O professor de nível superior da formação profissional tem a responsabilidade de formar pessoas com competências e habilidades para dar a sua contribuição neste ambiente, quer atuando como docente, quer como profissional, ou pesquisador, dentro de padrões técnicos nacionais e internacionais. É claro que, sozinho, nenhum professor poderá ter tanto poder, mas, por meio do trabalho interdisciplinar, os esforços de toda uma equipe de profissionais altamente competentes poderão ser somados para atingir esse objetivo. É necessário que o professor de Contabilidade esteja inserido num projeto pedagógico participativo, no qual seja possível reconstruir sua prática, seus saberes e sua competência.

Verifica-se, então, que a melhoria dos cursos de Ciências Contábeis se dá desde o início pelo compromisso e uma maior dedicação por parte dos professores, tratando a docência com mais profissionalismo e não como mero complemento do seu orçamento, como também uma participação mais adequada das IESs nos investimentos em recursos humanos e, principalmente, na capacitação didático-pedagógica dos professores de Contabilidade.

> Competências e habilidades no ensino da Contabilidade. A educação e o desenvolvimento de competências são processos que jamais podem ser considerados plenamente ou definitivamente concluídos, e são o resultado do entrelaçamento das habilidades, conhecimentos e atitudes de acordo com Ramirez (2000), conforme mostra a Figura 2.

Figura 2 – A formação das competências



Fonte: Ramirez (2000)

Competências e habilidades são duas palavras muito importantes no contexto atual, visto que a própria LDB e as regulamentações complementares trazem, por exemplo, uma definição de competência como sendo “capacidade de articular, mobilizar e colocar em ação valores, conhecimentos e habilidades necessários para o desempenho eficiente de atividades requeridas pela natureza do trabalho” (Resolução CNE/CEB, nº 04/99, art.6).

As competências técnicas são conhecimentos que permitem a identificação mais direta com uma profissão e podem ser adquiridas em parte no sistema educativo e na

formação profissional e, em parte, na empresa. Combinando as competências transmitidas pelas instituições formais e as habilidades adquiridas por sua prática profissional e por suas iniciativas pessoais, em matéria de formação, o indivíduo torna-se agente e principal construtor da sua qualificação.

No caso específico do papel do professor na formação profissional do aluno, essa capacidade, segundo Giorgi (2001) adquire uma abrangência que inclui: conhecimentos teóricos, pedagogia e experiência profissional, o que é demonstrado no Quadro 1, apresentado a seguir:

Quadro 1 – Uma análise dos níveis de competência do professor

Nível Global	Áreas Principais	Subáreas
Competência global do professor	Base de conhecimento explícito	1 – Recursos Curriculares. 2 – Recursos Pedagógicos. 3 – Experiência Profissional.
	Planejamento e preparação	4 – Conhecimentos claros a respeito de alunos, contexto e recursos. 5 – Média adequada de atividades e recursos para alunos.
	Ensino interativo	6 – Assistência inteligente e eficiente ao aprendizado do aluno, à organização e à pesquisa. 7 – Avaliação e monitoramento efetivo do aprendizado e progresso do aprendizado do aluno. 8 – Adequado relacionamento para influenciar alunos, seu comportamento, motivação e bem-estar. 9 – Avaliação e monitoramento efetivos do comportamento, motivação e bem-estar do aluno.
	Modelo profissional abrangente	10 – Cumprir a tarefa de construir um modelo profissional abrangente, por meio da colaboração efetiva, e vários outros.
	Auto-desenvolvimento profissional	11 – Desenvolvimento de conhecimento básico específico da matéria, pedagogia e profissional. 12 – Melhoria da capacidade profissional, através de estudo, reflexão e mudança.

Fonte: Giorgi (2001)

Na área contábil, essas competências e habilidades foram encontradas nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação de Ciências Contábeis (MEC, 2004).

Art. 9º. O curso de graduação em Ciências Contábeis deve possibilitar a formação profissional que revele, pelo menos, as seguintes competências e habilidades:

I - utilizar, adequadamente, a terminologia e a linguagem das Ciências Contábeis e Atuariais;

II - demonstrar visão sistêmica e interdisciplinar da atividade contábil;

III - elaborar pareceres e relatórios que contribuam para o desempenho eficiente e eficaz de seus usuários, quaisquer que sejam os modelos organizacionais;

IV - aplicar adequadamente a legislação inerente às funções contábeis;

V - desenvolver, com motivação e por meio de permanente articulação, a liderança entre equipes multidisciplinares para a captação de insumos necessários aos controles técnicos, à geração e disseminação de informações contábeis, com reconhecido nível de precisão;

VI - exercer suas funções com o expressivo domínio das funções contábeis e atuariais que viabilizem aos agentes econômicos e aos administradores de qualquer segmento produtivo ou institucional o pleno cumprimento da sua responsabilidade quanto ao gerenciamento, aos controles e à prestação de contas da sua gestão perante a sociedade, gerando também informações para a tomada de decisão, organização de atitudes e construção de valores orientados para a cidadania;

VII - desenvolver, analisar e implantar sistemas de informação contábil e de controle gerencial;

VIII - exercer com ética e proficiência as atribuições e as prerrogativas que lhe são prescritas por meio da legislação específica, revelando domínios adequados aos diferentes modelos organizacionais.

Segundo Iudícibus & Franco (1983), há necessidade de se preparar profissionais, não apenas com o domínio das mais avançadas técnicas disponíveis, mas dotados de habilidades e do discernimento necessário para além do *como fazer*, perseguirem o *que fazer*. Dominar a técnica não é suficiente. O mais importante é estar preparado para perceber quando a técnica precisa evoluir.

Para que um aluno, futuro profissional, saia da universi-

dade com essa ampla visão, Nossa (1999) diz que é necessário que se tenha uma estrutura adequada funcionando, um currículo compatível implantado e, principalmente, um corpo docente capaz de contribuir com essa formação. É preciso que o professor de Contabilidade tenha uma percepção clara da sociedade, que se encontra em rápida evolução. Deve compreender a realidade em que vive, integrando, diariamente, os diversos fenômenos sociais, políticos, econômicos e jurídicos. Em outras palavras, deve ter conhecimentos técnicos da Contabilidade e de áreas afins, de metodologia de ensino, de cultura geral e aptidões sociais.

Para tanto, o professor precisa mediar o processo ensino-aprendizagem de forma competente, fazendo um papel muito mais de orientador do que de transmissor do conhecimento. Dentre os aspectos de competência, deve ser destacada a maneira pela qual o professor motiva os alunos para a prática do conhecimento.

A seriedade e a dedicação do professor são competências que devem ser desenvolvidas pelo professor na execução dos programas das disciplinas sob sua responsabilidade e são condições *sine qua non* para o funcionamento desta ferramenta de valor que é o currículo.

Isso requer uma nova visão do papel do professor, ratificando, inclusive, a importância do planejamento de ensino, da utilização de metodologias diversificadas, da revisão constante dos critérios de avaliação, da correta utilização dos recursos da tecnologia.

Assim, os contabilistas têm que atuar nesse novo ambiente, que exige informações úteis completas e corretas e em curto espaço de tempo. Seu papel também deve passar por transformações de modo a tornar-se compatível com os novos tempos. Deve ter competência para compreender ações, analisando criticamente as organizações, antecipando e promovendo suas transformações, compreensão da necessidade do contínuo aperfeiçoamento profissional.

> **Os dez mandamentos no ensino de Contabilidade.** Silva (2004), em seu artigo publicado na Unisalle, diz que os dez mandamentos no ensino de Contabilidade são:

"I – Exaltar permanentemente a profissão

O professor deve instigar, desafiar e entusiasmar o aluno

através da exaltação permanente da profissão, mostrando o quanto a Contabilidade é importante ao bem-estar do homem; afirmar que o mercado de trabalho nesta área é amplo e indicar especializações contábeis que propiciam remunerações melhores. A exaltação permanente da profissão é indispensável para estimular os alunos.

II– Conduzir o respeito à ética profissional

Informar, constantemente, dos Deveres e das Proibições do Código de Ética quando do exercício da profissão. ‘Exercer a profissão contábil com zelo, diligência e honestidade, observada a legislação vigente e resguardados os interesses de seus clientes e/ou empregadores, sem prejuízo da dignidade e independência profissional’. (RES.CFC no 803 de 10 de outubro de 1996, Capítulo II, Art. 20).

III – Alertar para os desafios da Contabilidade interativa

A transformação do conjunto de atividades humanas não deixará de impactar profundamente a ciência e a prática contábil. Cabe ao professor identificar no desenvolvimento dos conceitos, métodos e práticas da Contabilidade, respostas progressivas aos desafios representados pelas transformações que ocorrem na história dos negócios, das organizações, da economia e da sociedade.

IV – Respeitar o aluno

Nunca ridicularize seus alunos, pois maltratar a auto-estima do aluno é uma péssima idéia. Tenha sempre expectativas positivas acerca de seus alunos, pois os alunos fracassam quando o professor acha que vão fracassar. O bom professor consegue que todos aprendam o que têm de aprender, que cada um aprenda quando está pronto para tal e que sejam felizes.

V– Estimular o aluno a participar de exposições, seminários e palestras e encontros das entidades de classe (CRCs, CFC, etc.)

O professor deve motivar os alunos a visitar empresas, escritórios de Contabilidade, bolsa de valores, etc., para que os alunos possam ouvir os profissionais e conhecerem papéis, fluxo de documentos, formas de execução, etc. Em seminários e palestras, o aluno, além de ser motivado profissionalmente, aprende a criar condições para discussões e debates.

VI – Enfatizar “prática x teoria”

A prática problematizadora dos conceitos contábeis é in-

dispensável na profissão para melhor sedimentação da aprendizagem. O professor deve despertar situações-problema da prática para depois expor a teoria em sala de aula que explica aquela prática. O uso de *softwares* educacionais que permitam diversas opções ao aluno e informações básicas importantes facilitará a discussão da sala de aula.

VII – Praticar estudos de caso

Por meio do estudo de casos reais, o aluno terá um contato maior com o dia-a-dia no mundo dos negócios. Os casos podem ser elaborados a partir de situações-problema de jornais, revistas ou da própria experiência do professor. Também o uso de jogos de empresas permitirá o desenvolvimento de habilidades em tomar decisões baseadas em dados contábeis e de mercado.

VIII – Incentivar a educação continuada do aluno

O estímulo à educação e o treinamento *on-line* é matéria importante no aprendizado dos profissionais de Contabilidade, para fazer frente ao ambiente competitivo e de mudanças tecnológicas rápidas. Na educação corporativa, prevalecem as metodologias de aprendizado por meio de atividades práticas, de exercícios, estudos de casos, simulações, jogos corporativos e outros recursos didáticos baseados em multimídia e demais recursos tecnológicos.

IX – Inovar as aulas expositivas – (auditivo e visual)

O professor deve transmitir conhecimento; apresentar um assunto de forma organizada; introduzir os alunos em determinado assunto, respeitando os conhecimentos prévios; despertar a atenção do aluno em relação ao assunto; transmitir experiências e observações pessoais e sintetizar ou concluir uma unidade de ensino ou um curso.

X – Revolucionar a sala de aula

Faça junto com seus alunos uma pequena revolução na sala de aula. Coloque as cadeiras em semicírculo; identifique um problema de sua comunidade, de alguma empresa, da própria universidade; confronte este problema com a teorização; então motive os alunos a levantar a hipótese de solução e aplicação e transformação da prática. Para dinamizar a metodologia do professor, o Arco de Charles Maquerez pode ser um referencial muito significativo e prático: (Berbel, 1998, p. 27)”.

O objetivo desta cartilha, para Silva (2004), é condensar, de forma estruturada, alguns métodos de ensino possíveis de aplicação às disciplinas de Contabilidade. Os métodos



apresentados nesta cartilha não deverão ser considerados como sendo os únicos possíveis de serem aplicados. A criatividade do professor em sala de aula, o conhecimento adequado do conteúdo a ser ministrado e o perfil de aluno colocado à mercê de sua sabedoria, são fatores que devem ser observados. Qualquer que seja a metodologia de ensino aplicada à Contabilidade, o professor deverá sempre propiciar “a chama da motivação” do aluno acesa.

> **O professor de contabilidade e sua formação.** Com a crescente tecnologia e sua rapidez, as coisas do mundo evoluíram e a profissão contábil não pode continuar como anos atrás; ela tem que evoluir, tem que pensar e buscar além do que o cliente pede. Mas, para isso, Borges (2000) diz que é necessário que as faculdades se conscientizem e busquem, cada vez mais, a qualidade em seu ensino; precisam adequar e reformular bem sua grade curricular para que seus “produtos” satisfaçam ao mercado.

Diante desse contexto, e partindo-se da premissa de que a Contabilidade se desenvolve em um ambiente político, econômico e social, acreditamos que o ensino deva levar em consideração esse ambiente, traduzindo para o aluno a realidade dos momentos de desenvolvimento da Contabilidade. Portanto, a escola, o aluno e o professor deverão desenvolver uma metodologia para o ensino e a aprendizagem, de maneira que a mesma aflore a inteligência do sujeito inserido numa situação social.

O aluno, segundo Fazan (2001), deve ser preparado para possuir uma visão crítica e ao mesmo tempo ser capaz de discernir e avaliar todo o seu potencial de desempenho como forma de se ajustar de maneira competente a estas vicissitu-

des contábeis que serão demandadas. Assim, o discente deverá ter uma formação humanista que seja adequada ao desempenho profissional, permitindo uma compreensão do meio ambiente em que vive, nos aspectos social, político e econômico.

Ao professor cabe a tarefa de ser um facilitador da aprendizagem, criando situações desafiadoras por meio de orientação dirigida para esse objetivo, devendo também estabelecer condições de reciprocidade ante o sujeito e o objeto, assumindo que o aprendizado será decorrente da assimilação do conhecimento pelo sujeito e também da modificação de suas estruturas mentais existentes. É preciso trabalhar o ensino contábil de forma paralela, ou seja, teoria e prática, para que haja um entendimento melhor e, conseqüentemente, rendimento eficaz, oferecendo laboratórios, escritórios modelos, e empresas júnior, para que enriqueça, ainda mais, a aprendizagem do discente.

O professor precisa conhecer o todo que se leciona e não apenas parte do todo. Neste sentido, Borges (2000) diz que vários professores somente conhecem parte da disciplina, pois são especialistas; na verdade, o professor tem que conhecer a área contábil de forma global. É importante, também, que o professor esteja sempre atualizado, pois a Contabilidade recebe muita influência das constantes mudanças fiscais.

A prática pedagógica, ou seja, a prática do trabalho do professor de Contabilidade deve revestir-se da apropriação de conhecimentos que promovam diferentes aprendizagens e o desenvolvimento dos alunos, porque o seu trabalho também é marcado por possibilidades e dilemas, o que lhe exige um constante processo de aprender que também é marcado por sua subjetividade.

De nada adianta ter-se o melhor programa, a melhor infra-estrutura ou o mais avançado processo de ensino se o professor não fizer uso destes recursos ou o fizer de maneira inadequada. O oposto, entretanto, é passível de ocorrer. Um professor competente, com técnica apurada e dedicada, supera os inconvenientes de uma subinfra-estrutura ou processo administrativo da instituição.

Outro ponto importantíssimo é o nível de sua graduação: devem fazer mestrado, doutorado, para adquirir mais conhecimentos e dinamizar suas aulas com informações extras para os alunos. Na realidade, é preciso buscar diferentes didáticas para que todos os acadêmicos consigam assimilar o que está sendo ensinado, por meio de diferentes técnicas, pois entendemos o professor como sendo o mais importante fator crítico de sucesso do ensino.

O professor de Contabilidade, segundo Laffin (2001), ao conhecer e participar das discussões sobre o projeto pedagógico do curso, acaba por apropriar-se de habilidades que favorecem a condução e discussão do planejamento e a organização e a avaliação do seu trabalho. Para tanto, destacamos a seguir elementos que visualizamos como componentes da ação do professor de Contabilidade inserido numa ação de comprometimento social e que se constituem também como ações de formação continuada:

- > organizar situações de ensino e aprendizagem adequando objetivos, conteúdos e metodologias com o projeto pedagógico do curso, contribuindo com a qualidade do ensino, assim como estar atento às formas de incorporar ao trabalho docente as novas tecnologias;
- > coordenar pesquisas e inserir-se em grupos de pesquisas de modo a produzir conhecimentos teóricos e práticos;
- > possuir domínio sobre conteúdos e metodologias de maneira a converter os conhecimentos científicos em conhecimentos curriculares, considerando as suas condições materiais e de seus alunos.

Neste sentido, pode-se dizer que as atividades de pro-

fessor são um conjunto de ações que tem uma finalidade e, por isso, revestem-se de intencionalidade. Para Laffin (2001), o professor precisa preocupar-se e estar atento às práticas que dão conta de socializar aprendizagens, porque não é possível abrir mão da responsabilidade do processo de ensino, uma vez que se pressupõe o professor como um sujeito culturalmente com mais experiências e conhecimentos sobre os fenômenos contábeis e de mundo do que seus alunos.

No processo de comunicação, o professor deve ser verdadeiro e inspirar confiança. Um dos problemas básicos que há na comunicação é que aquilo que o receptor capta pode não ser exatamente o que o emissor de fato quis transmitir. Esse caso pode ocorrer, principalmente, quando o professor da área contábil está voltado totalmente ao ensino tecnicista, esquecendo o lado humanista.

O processo motivacional compreendido pelo professor deve permitir aos alunos a aquisição de comportamentos que assegurem um eficiente ajustamento pessoal e sociocultural. Schwez (1997) destaca vários estímulos para a motivação relacionados ao papel do professor na área contábil:

- > apresentar de tal maneira sua disciplina que, ao aprendê-la, o aluno esteja, ao mesmo tempo, aprimorando seus instrumentos de trabalho mental (didática, planejamento, metodologia);
- > aceitar críticas e criticar-se a si mesmo; aceitar diversos pontos de vista estruturados, lógicos, sólidos; reavaliar-se e atualizar-se;
- > aprender a ensinar a sua disciplina;
- > conhecer os conteúdos das disciplinas anteriores e posterior à sua;
- > aceitar que os alunos são indivíduos, e não números, e de diferentes características, e saber agir para cada caso com bom-senso e coerência;
- > prover *feedback* imediato e específico às respostas do aluno;



- > dar ao aluno oportunidades de selecionar e seqüencializar assuntos a serem estudados, de maneira que ele se sinta o mais envolvido possível na atividade educativa;
- > usar comunicação dinâmica, correta, facilitadora de compreensão e motivadora;
- > usar somente aqueles itens de testes que sejam relevantes para os objetivos, coerentes e claros;
- > expressar genuína satisfação em ver o aluno;
- > reconhecer que as respostas dos alunos, sejam elas corretas ou incorretas, são tentativas de aprender, e acompanhá-las de comentários positivos;
- > propiciar ao aluno formas de autocontrolar a extensão da instrução recebida;
- > permitir que o aluno movimente-se tão à vontade quanto suas características de idade, desde que não atrapalhe suas aulas;
- > saber aprender com os alunos;
- > desenvolver suas aulas demonstrando confiança, satisfação e segurança;
- > ter boa apresentação pessoal.

Diante do exposto, exige-se que o professor seja muito mais do que um animador, competente para expor, cativando a atenção do aluno. Ele precisará, conforme Kuenzer (1999), adquirir a necessária competência para, com base nas leituras da realidade e no conhecimento dos saberes tácitos e experiências dos alunos, selecionar conteúdos, organizar situações de aprendizagem em que as interações entre aluno e conhecimento se estabeleçam de modo a desenvolver as capacidades de leitura e interpretação do texto e da realidade, comunicação, análise, síntese, crítica, criação, trabalho em equipe, e assim por diante. Enfim, ele deverá promover situações para que seus alunos transitem do senso comum ao comportamento científico. Para tanto, ao professor não basta conhecer o conteúdo específico de sua área; ele deverá ser capaz de transpô-lo para situações educativas, para o que deverá conhecer os modos como se dá a aprendizagem em cada etapa do desenvolvimento humano, as formas de organizar o processo de aprendizagem e os procedimentos metodológicos próprios a cada conteúdo.

Para isto, Silva (2004) elenca os atributos a um bom professor de Contabilidade:

- > boa condição socioeconômico-cultural;

- > experiência profissional, especializações na área e produção científica;
- > atualização permanente;
- > gozar de bom conceito junto aos alunos;
- > conhecer a origem e a dimensão histórica dos conteúdos;
- > abordar os conteúdos em forma de situações-problema.

> Metodologias no ensino de Contabilidade.

Na medida em que, nos tempos atuais, como diz Barbosa (2001), a exigência de proporcionar aos estudantes de Contabilidade ensino de elevado nível, porque, cada vez mais, o mercado exige profissionais com sólida formação e, até por questão de sobrevivência da instituição, a preocupação com o melhor preparo dos docentes em ministrar aulas realmente eficientes e eficazes deve ser uma constante no meio acadêmico.

O professor de nível superior da formação profissional, de acordo com Giorgi (2001), tem a responsabilidade de formar pessoas com competências e habilidades para dar a sua contribuição neste ambiente, quer atuando como docente, quer como profissional, ou pesquisador, dentro dos padrões técnicos nacionais e internacionais.

O professor deve estar, constantemente, refletindo sobre sua ação educativa, suas estratégias de ensino, e como refere Barbosa (2001), se questionando sobre os resultados obtidos em cada técnica utilizada em suas aulas. Para aplicar uma estratégia, o professor deve ter o domínio da disciplina que leciona, do método ou técnica que irá utilizar.

Nérici (1993; p.109) define: “métodos e técnicas de ensino constituem partes essenciais da metodologia didática de que se vale o professor para conduzir o estudante a interagir no seu comportamento, conhecimentos, técnicas, habilidades, hábitos e atitudes”.

> Formação continuada do profissional da Contabilidade.

O ensino continuado também é um fator de suma importância dentro das estratégias de ensino. Professores que estão em determinada cadeira há mais de um período, como diz Pinheiro (2001), devem sempre se atualizar na tentativa de melhorar ao máximo seu desempenho, adquirindo domínio de muitos métodos e técnicas de ensino. Isso possibilita uma grande variação de exposições

e maior motivação para o aluno, tornando sempre a aula criativa e dinâmica. As ações que desafiam a inteligência e a capacidade de inovar têm como aliado o professor, que desempenha um papel fundamental neste processo de ensino e aprendizagem.

Para Sá (1998), amplia-se, a cada momento, a cada passo em frente que os meios de comunicação realizam, a necessidade de transformações de conceitos e de práticas no campo da informação sobre a riqueza. A velocidade com que as decisões devem ser processadas mudou a atmosfera administrativa de nossos dias e a Contabilidade, como fonte de orientação de modelos de comportamento dos capitais, vem acompanhando essa evolução. Isso, todavia, não só exige repensar os critérios informativos, mas, especialmente, considerar como tais sistemas se enquadram nas exigências doutrinárias científicas, sob pena de se estabelecer o caos.

A Contabilidade como ciência social, ao ampliar seus objetivos de controle, análise e gestão do patrimônio das entidades, insere-se nesse movimento interdisciplinar para contribuir com o processo de formação continuada, visando, com isso, torná-la um diferencial competitivo do profissional contábil.

Neste sentido, Laffin (2002) diz que é nessa perspectiva da profissão contábil que a formação continuada precisa superar as formas tradicionais de treinamentos aligeirados sobre temas contábeis. A formação continuada do profissional da área contábil não pode apenas se restringir aos cursos de atualização, mas necessita tornar próprios os conteúdos e conhecimentos consistentes e abrangentes que envolvem a legislação pertinente às normas técnicas e profissionais.

> **Conclusão.** A globalização da economia evidencia

a Contabilidade como único denominador comum para mensurar as atividades econômicas, exigindo-se homogeneidade universal de tratamento para registros e divulgação de fatos contábeis de uma mesma natureza, portanto, o acompanhamento destas mudanças deverá ser mais nas práxis pedagógicas do que nos resultados repetidos de pesquisas, livros e artigos.

Num mundo com economia globalizada, formar profissionais da área contábil, apenas com a visão de registrar os fatos contábeis ocorridos, é muito temeroso, pois o profissional necessita buscar a interdisciplinaridade com diversas áreas.

Neste contexto, a Contabilidade como ciência estruturada e com seu objeto de estudo delineado deve utilizar métodos e conceitos para alcançar resultados satisfatórios para as organizações, exercendo assim o seu verdadeiro papel de ciência do patrimônio, capaz de contribuir para o desenvolvimento da sociedade de um modo geral.

É aí que entram em jogo as instituições de ensino superior. Estas devem preocupar-se com o tipo de profissional que estão formando, pois estamos vivendo na era da informação, do conhecimento, das novas tecnologias, onde o mercado consumidor da Contabilidade tem uma nova demanda por profissionais contábeis e, para isto, precisamos de bons educadores.

Para Laffin (2002), ensinar exige responsabilidade porque, para além do domínio de conteúdos específicos e de saberes de formação humana, assim como de métodos adequados a promover essas apropriações no contexto no qual está inserido, é preciso insistir na solidariedade humana, na preservação do mundo humano. Essa sensibilidade coletiva será visível nas atividades do professor de Contabilidade quando, em seu trabalho, configurar-se um entendimento crítico e emancipatório da categoria trabalho.

Bibliografia

- BARBOSA, C. F. SILVA, J. *Estratégias de ensino – um estudo sobre suas aplicações nas disciplinas de contabilidade*. In Fórum Nacional de Professores de Contabilidade, 7., 2001, Rio de Janeiro. Anais do II Fórum Nacional de Professores de Contabilidade. Rio de Janeiro: 2001. CD-ROM.
- BERBEL, N. A. *Metodologia da problematização: experiência com questões de Ensino Superior*. Londrina: Ed. UEL, 1998.
- BONDANI, G. GRABNER, S. SILVA, T. M. *Novos parâmetros de formação do profissional contábil*. In Fórum Nacional de Professores de Contabilidade, 8., 2003, Gramado. Anais do IV Fórum Nacional de Professores de Contabilidade. Gramado – RS: 2003. CD-ROM.
- BORGES, M. V. *Buscando a qualidade de ensino profissional através da informação*. In Congresso Brasileiro de Contabilidade, 16., 2000, Goiânia. Anais do XVI Congresso Brasileiro de Contabilidade. Goiânia: GO, 2000.

- COELHO, C. U. F. *A abordagem das competências e a importância da formação pedagógica em Contabilidade*. Revista de Contabilidade do Conselho Regional de Contabilidade de São Paulo. São Paulo, SP: ano VIII. n. 28, p.50-61, jun.2004
- DELORS, J. *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez, DF: MEC: UNESCO, 2001.
- FAZAN, E. COSTA, J. C. D. *A metodologia do ensino em teoria contábil em uma abordagem dos contextos históricos*. In Fórum Nacional de Professores de Contabilidade, 7.,2001, Rio de Janeiro. Anais do II Fórum Nacional de Professores de Contabilidade. Rio de Janeiro: 2001. CD-ROM.
- GIORGI, W. A. B. PIZOLATO, C. L. MORETTIN, A. A. *Competências, habilidades e o ensino superior de contabilidade*. In Fórum Nacional de Professores de Contabilidade,, 7.,2001, Rio de Janeiro. Anais do II Fórum Nacional de Professores de Contabilidade. Rio de Janeiro: 2001. CD-ROM.
- INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. *Revista do Provão*. Brasília: MEC, 2000.
- IUDÍCIBUS, S. FRANCO, H. *Currículo básico do contador: orientação técnica versus orientação humanística*. In: Congresso Internacional de Educadores da Área Contábil, 2. Anais....São Paulo, 16 a 18 de setembro de 1983.
- KUENZER, A. Z. *As políticas de formação: a constituição da identidade do professor sobrando*. Revista Educação & Sociedade. Campinas, ano XX, N. 68, 1999, p. 163-183
- LAFFIN, M. *Ensino da contabilidade: componentes e desafios*. In Fórum Nacional de Professores de Contabilidade, 7.,2001, Rio de Janeiro. Anais do II Fórum Nacional de Professores de Contabilidade. Rio de Janeiro: 2001. CD-ROM.
- LAFFIN, M. *Formação continuada do profissional da contabilidade*. Jornal do Conselho Regional de Contabilidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, p.14, set/out.2002
- LAFFIN, M. *De contador a professor: a trajetória da docência no ensino superior de contabilidade*. Florianópolis. 2002. Tese (Doutorado em Engenharia da Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- MEC – Ministério da Educação e do Desporto. *Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Ciências Contábeis*. Disponível: www.mec.gov.br. Acesso em 23 de maio de 2004.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília:DF:UNESCO, 2000.
- NEGRA, C. A. N. *Reflexões sobre os quatro pilares da educação no ensino superior de ciências contábeis*. In. Convenção de Contabilidade de Minas Gerais, 9., 2003, Belo Horizonte. Anais da IV Convenção de Contabilidade de Minas Gerais. Belo Horizonte: 2003. CD-ROM
- NÉRICI, I. G. *Didática do ensino superior*. São Paulo: IBRASA, 1993.
- NOSSA, V. *A necessidade de professores qualificados e atualizados para o ensino da contabilidade*. In Congresso Brasileiro de Custos, 7., 1999, São Paulo. Anais do VI Congresso Brasileiro de Custos. São Paulo: 1999. CD-ROM
- PINHEIRO, E. J. *Estratégias Interdisciplinares para o Ensino da Contabilidade*. In. Convenção de Contabilidade de Minas Gerais, 10, 2001, Belo Horizonte Anais da III Convenção de Contabilidade de Minas Gerais. Belo Horizonte: 2001. CD-ROM
- RAMIREZ, P. *A formação de competências para o profissional de nível técnico na área de gestão*. Dissertação apresentada no Centro Universitário Nove de Julho, São Paulo, 2000, 120.
- RESOLUÇÃO CEB nº 4, de 8 de dezembro de 1999. *Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico*.
- RESOLUÇÃO CFC nº 803 de 10 de outubro de 1996, Capítulo II, Art. 20).
- SÁ, A. L. *Tendências e futuro da contabilidade*. Revista do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS: v.27, n. 94, p.3-6, out.1998.
- SCHWES, N. *O reconhecimento do processo de comunicação e do processo de motivação no ensino da contabilidade*. Revista do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS: ano 31, v.26, n. 89, p.32-39, abr./jun.1997.
- SILVA, R. *Metodologias aplicadas ao ensino da contabilidade*. <http://www.delasalle.com.br>. Acesso em 09 de julho de 2004.
- UNESCO/CRUB. *Conferência Mundial sobre o Ensino Superior. Tendências de Educação Superior para o Século XXI*. Anais da Conferência Mundial sobre o Ensino Superior.UNESCO. Brasília, 1999.